

A LEITURA LITERÁRIA COMO FERRAMENTA DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL.

Ariana Santana da Silva¹

Maria Valéria Vital Souza²

¹ Universidade Federal de Pernambuco. santana.ariana@hotmail.com

² Universidade Federal de Pernambuco. valeria.vital@oi.com.br

*A maioria dos homens nada sabe de si,
Se a literatura não lhes contar.*
(Leonardo Sciascia)

RESUMO

Este artigo trata sobre a importância da literatura para a formação de leitores críticos, atividade de mediação de leitura desenvolvida em uma biblioteca comunitária na cidade do Recife com crianças de seis a onze anos a partir da vivência das três funções atribuídas ao texto literário: deleite, reflexão e transformação, bem como os aspectos elencados e discutidos em torno da obra *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti e outras, também, valiosas obras literárias. A seleção das obras lidas não se dava ao acaso, cuidávamos de escolher as obras que possibilitassem as crianças e adolescentes grandes experiência com a literatura, quer seja pelo choro, quer seja pelo riso. Os critérios de seleção das obras variavam entre a qualidade das ilustrações, das narrativas e a adequação à faixa etária. A Biblioteca Comunitária do Poço da Panela foi idealizada e fundada em 2011 tendo por objetivo a promoção do acesso ao livro literário para crianças e adolescentes da RPA - Região Político Administrativa - 03 da Cidade do Recife, trata-se, portanto, de um público bastante diversificado no que se refere a classe sócio-político-econômica. A nossa inserção neste espaço se dar, curiosamente, em no dia 18 de abril de 2015 (dia nacional do livro) e até a data de 18 de abril de 2017 foram lidos mais de 35 livros literários infanto-juvenis. Os dados obtidos permitem afirmar que o texto literário, principalmente, o livro em tela é fomento para o desenvolvimento de leitores ativos e reflexivos e poderosa ferramenta no processo de emancipação dos nossos leitores.

Palavra-chave: Literatura, texto literário, educação não-formal, formação humana.

INTRODUÇÃO

O texto literário possui a capacidade de despertar nos sujeitos o desejo por outros mundos, fictícios ou não, ao mesmo tempo em que lhes permite repensar sobre suas realidades e vivências a partir de uma relação simbólica, na qual autor e leitor são criadores de cultura. O desejo gerado neste encontro do sujeito com a literatura revela a condição humana de incompletude, que por sua vez, o leva para a busca de sentido no mundo através da representação, já que é incapaz de ver plenamente o “tudo” das coisas (CAVALCANTI, 2002). Neste sentido, o caráter simbólico e metafórico da literatura aparece como elemento que sugere ao leitor possibilidades de interpretações que podem estar a par de experiências vividas, bem como podem despertar questões ainda não refletidas; além de propiciar a vivência imaginativa permeada pela ludicidade e fruição estética. Dessa forma, apontamos três funções atribuídas ao texto literário: deleite, reflexão e transformação (ISER, 1996 *apud* RITER, 2009), o que significa dizer que a relação entre tais funções, possibilita ao sujeito a sensibilidade e criação, o jogo simbólico, a fantasia, a percepção de si e da realidade, a aspiração por outras realidades bem como a intervenção no mundo.

Diante disso, é de suma importância trabalhos educativos que envolvam a reflexão sobre textos literários, levando em consideração a imaginação que também tem sua potência formadora e transformadora (LARROSA, 2003); e que propiciem aos educandos um espaço de diálogo sobre questões desveladas pela literatura, inclusive as que apontam para a formação de suas identidades e para o seu lugar na sociedade. Neste sentido, o artigo em tela apresenta como objetivo geral: refletir sobre a importância do trabalho educativo com a leitura literária e como objetivos específicos: discutir sobre questões de gênero a partir do texto literário; e por fim, problematizar os aspectos de composição das rodas de leituras, tais como: o espaço físico, o grupo e relações que forma sendo tecidas através do texto literário.

LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA.

De acordo com Sevcenko (1986, *apud* Zamboni; Fonseca, 2010), a literatura é uma produção artística que traz consigo marcas humanas e históricas com profundas raízes no social, cultural e político, o que dá pistas sobre os modos de ser da sociedade, influenciando na formação das identidades dos sujeitos. Oliveira (2010, p.41) complementa afirmando que a literatura contribui para a formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão

sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence.

A literatura mostra sua eficácia como instrumento de formação humana, através da leitura, atividade básica do ser humano na sociedade, uma vez que

Toda leitura que, consciente ou inconscientemente, se faça em sintonia com a essencialidade do texto lido, resultará na formação de determinada consciência de mundo no espírito do leitor; resultará na representação de determinada realidade ou valores que tomam corpo em sua mente. Daí se deduz o poder de fecundação e de propagação de ideias, padrões ou valores que é inerente ao fenômeno literário, e que através dos tempos tem servido à humanidade engajada no infindável processo de evolução que a faz avançar sempre e sempre [...]. (COELHO 2000, p. 50, *apud* ISENSEE, 2004, p.41).

O trabalho com obras que estimulem a imaginação auxilia na formação crítica do indivíduo. Segundo Riter (2009) A vivência imaginativa é um dos critérios para a escolha de livros literários que devem proporcionar ao leitor uma construção de mundo imaginário, para fazê-lo refletir sobre a realidade em que vive. Ainda, estimula a fantasia da criança, que segundo Candido (1990) *apud* Fernandes (2011) faz parte da função humanizadora da literatura: a função psicológica, que decorre da necessidade universal da ficção e fantasia. Ainda segundo os autores:

a fantasia está vinculada à realidade, relacionada ao mundo concreto que é integrado e transformado pela criação literária e, por isso, as criações ficcionais podem atuar como uma força poderosa na formação das crianças e dos adolescentes(p.325).

A formação humana está intrinsecamente relacionada com a leitura, quer seja de mundo quer seja de diversos gêneros textuais. No entanto, enfatiza-se, aqui, trabalho com a literatura pelas características apresentadas acima e por possibilitar a “ construção da humanidade do ser humano; ou seja, ajudar a formar subjetividades dialogantes, críticas, expansivas, capazes de contribuir com a conformação de outras realidades sociais” (SOUZA, 2012, p. 70-71), mediada pela afetividade, proporciona aflorar a dimensão humana e contribui para a formação de cidadãos e cidadãs capazes de “viver” a vida em toda sua plenitude, a despeito de todas as adversidades enfrentadas nas lutas travadas no cotidiano.

A ESCOLHA DO LIVRO

É no mundo possível da ficção que o homem se encontra realmente livre para pensar, configurar alternativas, deixar agir a fantasia. (Manifesto por um Brasil literário, 2009)

A obra de Marina Colasanti, **A Moça Tecelã**, problematiza de forma lúdica e

encantadora um tema ainda muito polêmico em nossa sociedade, as relações de gênero. Assim, compreendemos a importância do trabalho com este livro por entendê-lo como contemporâneo e atual, nos possibilitando uma rica reflexão sobre os significados explícitos e implícitos das diferenças físicas e simbólicas relacionadas ao corpo e aos seus papéis em nossa sociedade, como nos traz Scott (1990) *apud* Freire (2011):

(...) compreendendo gênero como elemento da cultura que informa sobre a organização da diferença sexual. No entanto, não se trata de entender que o gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que o gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. (p.72)

Neste sentido, corroboramos com o escritor Rildo Cosson (2011) quando este afirma que “obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas em meu tempo e obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação.” (p.34)

As ilustrações são compostas por imagens de bordados confeccionados pelas irmãs Ângela, Antônia, Zulma, Marilu, Martha e Sávila Dumont sobre os desenhos de Demóstenes Vargas, estas por sua vez, acrescentam à obra a função psicológica da literatura definida por Antonio Candido (1972) *apud* Célia Fernandes (2011) como “necessidade universal de ficção e fantasia” (p.804). Assim, podemos afirmar que as ilustrações ou os bordados, como são denominadas as imagens contidas nesta obra literária, não são meros enfeites de páginas, eles completam as entrelinhas do texto da Marina Colasanti, contribuindo para alimentar o imaginário do leitor, neste caso especificamente, dos leitores.

Com efeito, a principal razão da escolha deste livro deve-se ao fato do mesmo possibilitar um diálogo com os seus leitores entre a mensagem que a escritora nos passa e as possíveis inferências que podemos realizar a partir de sua leitura. Dessa forma, o livro nos faz refletir sobre as situações que ocorrem no espetáculo da vida real, dentro e fora dos bastidores, possibilitando assim, além do prazer de ler, uma transformação nos sujeitos envolvidos na leitura, mesmo que essa não seja notada de imediato, Riter (2009).

Um elemento de destaque no livro é a relação de gênero que aparece na estória levando os leitores a refletirem sobre as formas de comportamento, os valores e as atitudes dos seres humanos, exigindo, portanto, um posicionamento interpretativo diante do texto, bem como uma postura ativa do leitor no desfecho da obra. Para Riter (2009) o valor da leitura está na possibilidade de extrair de quem lê um leque de elementos que contribui para a formação

de leitores cada vez mais conscientes de seu papel no mundo, uma vez que um bom texto literário sempre deve possibilitar a imaginação, a fantasia, a empatia, o conhecer o outro e conhecer-se, além da inserção em várias culturas.

Riter (2009, p. 64) vai elencar uma série de características que devem compor um bom livro, dentre elas encontra-se uso não utilitário da linguagem, compreendido pelo autor como a aparição de inovação do uso das palavras, a construção estética de frases, uso de rimas, imagens, ritmo, musicalidade e presença de humor. Em **A Moça Tecelã** é possível verificar alguns desses elementos como, por exemplo, a construção estética das frases e o uso de imagens aliterais e metafóricas, como podemos observar nos trechos abaixo:

Se era forte demais o sol, e no jardim pendia as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em ponta longa rebordava sobre o tecido. Leve a chuva vinha cumprimentá-la à janela. (COLASANTI 2003, p.5)

Tecer era tudo que fazia. Tecer era tudo que queria fazer. (COLASANTI 2003, p.7)

Em suma, diante do que foi exposto, podemos afirmar que nos apoiamos nos critérios de seleção que o autor Caio Riter (2009) apresenta para uma boa escolha do livro literário, no entanto, procuramos, também, dialogar com outros autores sobre esta mesma temática.

METODOLOGIA

A região metropolitana do Recife é dividida em seis (6) Regiões Político Administrativas (RPA). A Biblioteca Comunitária do Poço da Panela – local da pesquisa – localiza-se às margens do Rio Capibaribe na RPA3, Zona Norte do Recife, que é a maior região em extensão territorial, com vinte e nove (29) bairros, a saber: Aflitos, Alto do Mandú, Alto José do Bonifácio, Alto José do Pinho, Apipucos, Brejo da Guabiraba, Brejo de Beberibe, Casa Amarela, Casa Forte, Córrego do Jenipapo, Derby, Dois Irmãos, Espinheiro, Graças, Guabiraba, Jaqueira, Macaxeira, Monteiro, Nova Descoberta, Parnamirim, Passarinho, Pau Ferro, Poço da Panela, Santana, Sítio dos Pintos, Tamarineira, Mangabeira, Morro da Conceição, Vasco da Gama.

Nesse conglomerado de bairros encontra-se uma diversidade de condição econômica e social, além de uma grande efervescência cultural e artística, ou seja, a RPA3 engloba bairros com uma discrepância no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), por exemplo: Aflitos (0,955) e Passarinho (0,433), fonte do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE). No caso específico do bairro do Poço da Panela, classificado como de classe média, encontra-se uma enorme desigualdade entre seus moradores e no entorno da biblioteca moram a população de baixa renda e segundo Antônio Pinheiro, presidente da Associação de moradores e Amigos do Poço da Panela “ a área, hoje, é vulnerável e insegura, uma rota de fuga e de consumo de drogas”.

A Biblioteca Comunitária do Poço da Panela, segundo Samaroni Lima (2016), um dos seus fundadores, foi idealizada e fundada em trinta de março de dois mil e onze, por um grupo de moradores da comunidade: Naná, figura muito conhecida do Poço; Ninha que, hoje, é merendeira de uma escola municipal do Recife e ele, Samaroni Lima, que entre outras coisas, é jornalista. Contou com a ajuda de amigos e funciona na base da cooperação. Tudo é feito integralmente de doações, e de arrecadações para pagar aluguel, luz, manutenção, etc. A comunidade tem acesso livre, e não há controle sobre o acervo. Qualquer pessoa pode pegar um livro e levar para casa.

O trabalho de Mediação de Leitura vivenciado na Biblioteca Comunitária do Poço da Panela, realiza-se a partir da leitura e interpretação da história em foco, lançando mão da interação e contextualização com diversas linguagens artísticas – Literatura, Artes Visuais, Teatro, bem como da utilização de jogos – Pedagógicos, Tradicionais, Dramáticos e Teatrais – e Contação de Histórias.

Para tanto, entende-se a arte como atividade de expressão humana e busca-se compreender a importância de viver essa experiência e o seu ensino em espaços não escolar, como um agente socializador e auxiliar para a compreensão de mundo e do desenvolvimento do indivíduo, oferecendo as bases para desenvolver seu potencial criativo; entendendo que o processo de criação é especial e envolve cada participante de uma forma singular. Constatando, na prática, que criar é uma forma de autoconhecimento profundo, que promove autonomia e criticidade.

A partir desse trabalho, as crianças puderam viver uma experiência estética indescritível, que é a experiência que ocorre quando nossa atenção é mobilizada pela aparição de algo, que domina nossa percepção, conduzindo-nos à admiração. É uma qualidade percebida por meio do contato com certos objetos e/ou situações apresentadas à percepção. Não há valores pré-determinados, mas sim vivência entre percepção do sujeito e singularidade do objeto. É um encontro que não consiste em assimilar ou integrar a beleza que nos proporciona a natureza ou a arte, mas em participar no mundo natural e no mundo artístico e

esta percepção é possível porque o sentir estético é aberto à natureza e à arte. A experiência estética é altamente subjetiva e torna a realidade mais leve, dá novo sentido às coisas.

Na escola não se aprende normalmente através da experiência, mas por meio da didática (técnicas de organização do aprendizado). O aprendizado estético é o momento integrador da experiência. A transposição simbólica da experiência assume, no objeto estético, a qualidade de uma nova experiência. As formas simbólicas tornam concretas e manifestas as experiências, desenvolvendo novas percepções a partir da construção da forma artística. O aprendizado artístico é transformado em processo de produção de conhecimento. (KOUDELA apud SPOLIN, 2010, p. 26).

O jogo possibilita trazer o espontâneo para as ações desenvolvidas em torno dos livros literários dando vazão a uma livre expressão de um universo imagético e criativo. E, ainda, “a busca da comunicação, a aceitação do outro, o entendimento, a relação de ajuda, a estruturação de um grupo cooperativo e auto gestor” (AUCOUTURIER; LAPIERRE, 2004, p. 21). Corrobora com o exposto, Koudela.

Teóricos enfatizam a importância do jogo no processo de aprendizagem da infância, desde Rousseau e Dewey a Piaget e Vygotsky. Mais do que mera atividade lúdica, o jogo constitui-se como o cerne da manifestação da inteligência no ser humano. A escola, até hoje, nega o jogo como poderoso instrumento de ensino/aprendizagem. (KOUDELA, apud SPOLIN, 2010, p. 21)

Nesse contexto, as crianças são convidadas a participarem com sua espontaneidade, sensibilidade, imaginação e criatividade, promovendo um espaço, saudável, de experimentação e liberdade, “como uma das saídas viáveis para uma maior integração entre as áreas afins e para desenvolver valências esquecidas na aprendizagem” (HAETINGER, 1998, p. 9).

Utilizando recursos provenientes do universo da arte, principalmente, do teatro e das artes visuais, e dos jogos pretende-se estimular, desenvolver, cultivar o hábito da leitura, fornecendo elementos para ampliar o repertório de conhecimentos e fomentar o enriquecimento do material imagético dos atores envolvidos, numa troca de experiências vivas, visto que, já é comprovada “a potencialidade do teatro no desenvolvimento intelectual, social e afetivo da criança”, bem como, que “a Arte é um meio para a liberdade, o processo de liberação da mente humana, que é o objetivo real e último de toda educação”.

Portanto, são desenvolvidas atividades com os Jogos Tradicionais, Jogos Dramáticos, Jogos Teatrais, Leitura e Interpretação de Histórias, Contação de Histórias, Desenhos, Pinturas, entre outras atividades. O retorno é da ordem do *inominável*. Uma experiência rica

de possibilidades a cada encontro, onde é perceptível a alegria, a satisfação das crianças em participar das propostas realizadas. O grupo de crianças participantes é composto por meninas e meninos, com idades que variam entre seis (6) anos e onze (11). O trabalho iniciou-se no dia 18 de abril de 2015 (por coincidência, ou não, Dia Nacional do Livro Infantil) e até a data de 18 de abril de 2017, foram lidos e trabalhados os seguintes livros: *Biu, o pássaro maluco*, de Jussara Rocha Koury; *A menina que aprendeu a voar*, de Ruth Rocha; *A viagem de Clarinha*, de Maria Clara Machado; *Brincadeira de Roda*, de Denise Rochael; *Dumbo*, clássicos da Disney da Editora Abril; *Pérola e a Boneca*, de Wendy Harmer; *Quanto tempo o tempo tem*, de Socorro Miranda; *Rapunzel*, releitura de Lúcia Costa Carvalho; *A galinha ruiva*, de Elza Fiúza; *Quatro amigos*, de Tatiana Belinky; *E pele tem cor?* de Fabiana Barbosa; *O galinho apressado*, Tatiana Belinky. *O dragão que era galinha, d'angola* de Anna Flora; *Os golfinhos que adotaram um tubarão*, de Cintia Andrade Moura; *Gaitinha tocou, bicharada dançou*, de Eloi Elisabete Bocheco; *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen por Meus clássicos favoritos; *Domingo de lata*, de Elita Ferreira; *O rapto da Sapenilda*, de Solange Lasalvia; *A bruxinha que era boa*, de Maria Clara Machado; *Maria que ria*, de Rosinha; *A moça tecelã*, de Marina Colasanti; *O aniversário do rei*, de Rosângela Lima; *Casinhas de bicho*, de Hardy Guedes Alcoforado Filho; *Eu gosto muito*, de Ruth Rocha e Dora Lorch; *O natal de Manuel*, de Ana Maria Machado; *Em casa*, de Heinz Janisch e Helga Bansch; *Cachinhos dourados e os três ursos*, de Roberto Southey; *Clarinha vai à escola*, de Evangelina Costa Carvalho; *O sapateiro e os elfos*, de Carlos Eduardo Filho; *Rodopia pião*, de Elita Ferreira; *Lucas, o menino que tinha medo*, de Andréa Carla da Silva; *Mané gostoso*, de Elita Ferreira; *A cigarra e a formiga*, de Esopo; *A raposa e a galinha*, de Carlos Eduardo Filho; *De lagarta à borboleta que transformação*, de Érica Montenegro; *A história do natal*, de Justine Smith; *Uma palavra, tantas palavras*, de Regina Costa; *Tia Laura*, de Elita Ferreira; *A formiguinha e a neve*, de João de Barro; *A coruja Sofia*, de Maria Clara Machado.

O trabalho efetivo e afetivo, acontece a cada quinze dias e inicia-se em uma roda onde primeiramente faz-se uma dinâmica de acolhimento; em seguida acontece a escuta dos participantes do grupo sobre os dias passados – o que e quem pretende falar – em seguida a leitura do livro – selecionado por um dos envolvidos diretamente da estante da biblioteca – pelas instrutoras e /ou crianças e segue-se o planejamento proposto para o dia, resguardada as devidas modificações que se façam necessárias. Foi assim que lemos *A Moça Tecelã* de Marina Colasanti e a temática sobre gênero foi, de longe, a mais debatida, aproximando-se,

apenas das questões sobre cor de pele, fomentadas pelo livro *E pele tem cor?* De Fabiana Barbosa, pois trouxe à tona aspectos vivenciados pelas meninas e meninos, que viabilizaram discussões sobre sexo, gênero, homossexualidade, poder, preconceito e diversidade.

TECENDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

...O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. (LARROSA, 2002, p. 19)

Com o intuito de contribuir com as crianças para uma abertura ampla ao universo da leitura, em especial à literatura, as iniciativas desenvolvidas nesse projeto tem como enfoque principal uma educação participativa e emancipatória, que incentiva no processo do fazer, do pensar e do sentir. A partir da possibilidade de vivenciar as três funções atribuídas ao texto literário, a saber: deleite, reflexão e transformação, baseado no processo interativo das partes do cérebro que desencadeiam no educando o raciocínio lógico, o pensamento criador e sensível e o pensamento operativo, coadjuvando com Souza que diz: “o conteúdo da *práxis* pedagógica é a construção da compreensão, da interpretação, da explicação da realidade natural e cultural” (SOUZA, 2012, p. 174). Fomentando o enriquecimento cultural dos envolvidos, que contribua para uma transformação da existência humana no societal.

A proposta metodológica desenvolvida nesse projeto – e que está pautada em uma educação popular e emancipatória que conduza as meninas e os meninos envolvidos, ao processo de descoberta das suas potencialidades e de seus próprios objetivos; a elevar sua autoestima e autonomia; a entender as questões sociais pertencentes à contemporaneidade e a vivenciarem seu processo histórico e cultural. Fatores que oportunizarão saltos no desenvolvimento integral e sustentável e na formação global dos participantes. Ajudando a formar seres humanos mais sensíveis e observadores, e conseqüentemente, importantes críticos na sociedade – permitiu alcançar os objetivos elencados, conforme alguns depoimentos das crianças, listados abaixo:

Eu quero ler mais rápido e conhecer muita coisa, na escola estou aprendendo a ler e a escrever; a professora me deu dez, então estou mais interessada em tudo, principalmente em coisas sobre menina e sobre menino e todo mundo do mundo todo. (Maria)¹

¹ Todos os nomes apresentados nos depoimentos das crianças são fictícios.

Eu me sinto muito bem, muito bem. Sou mesmo respeitado e quero aprender a ler para ler muito. Vou respeitar mais a minha mãe e todas as meninas vou falar pro pai que ele tá errado. (Antônio)

Aqui é muito bom, legal. Dá para fazer as coisas com liberdade e respeito. Ainda acho que menino é melhor que menina, mas quero saber mais sobre isso. (Pedro)

Isso tudo ajudou muito na escola, exijo respeito para tudo, mesmo que fique sem recreio vou lutar por respeito e dizer minha opinião. Sou braba e estou mais forte. Na escola outras crianças se interessam pra vim pra cá, só que não puderam. Aqui é muito divertido, teve esse momento, o mais legal, aqui, só aqui, de falar sobre esse tal de gênero. Quero ser uma forte menina, Sabe? Harmonizou muito minha vida todos os dias. (Izabel)

Me recuperei nas provas, também na de ciências porque leu muito, sabe a importância de ler muito, então ler muito com vontade de ler muito é o que eu quero saber. Um dia eu quero mesmo ler feito vocês, mas eu já aprendi, eu não sabia. (Margarida)²

Como explicitado no texto, a importância de pensar, planejar, ensaiar, e por fim, mediar uma roda de leitura não está, meramente, nos elementos externos que se apresenta no decorrer desse processo, exemplo, tempo/espço, sujeitos/objetos, fundamentação teórica, entre outros. Mas sim, na responsabilidade que adquirimos de possibilitar ao ouvinte tornar-se estrangeiro dentro da própria realidade, despertar-se para novas reflexões e permitir-se silenciar diante de toda verborreia que se torne um perigo à sua experiência. Uma vez que as palavras estão impregnadas de significados históricos e contextuais, assim, a sua pronuncia, muitas vezes, impossibilita aquele que a fala e a escuta de deixar-se aberto para a construção de seus próprios “mosaicos” de sentidos que poderão ser construídos a partir de suas interpretações. Deste modo, permitir-nos sermos mediadoras de rodas de leitura literária nos fez compreender, verdadeiramente, o tamanho da responsabilidade que nós, profissionais da educação, temos para com a formação de futuros leitores literários, uma vez que este tratava-se nosso principal objetivo ao planejarmos as rodas.

No que se refere às aprendizagens relacionadas aos elementos externos, como explicitado no parágrafo anterior: as ações de pensar, planejar e mediar, verificou-se que estes foram de extrema relevância para os resultados que obtivemos no decorrer do projeto. Pois apesar de termos uma longa e boa experiência com a prática da leitura literária, permitir-se compreender a importância de outros aspectos para além da própria leitura que nos possibilita enxergar outras possibilidades. Dito de outra forma, refletir sobre as diversas possibilidades que ele, o livro literário, apresenta como instrumento pedagógico, no sentido não só de

²² Margarida não sabia ler quando chegou ao projeto e está fora de faixa.

problematizar algum conteúdo específico, mas também de permitir-se o “simples” prazer de ler, ainda não tinha tido a oportunidade de parar para pensar em aspectos importantes sobre a realização de uma leitura, em específico, de uma roda de leitura como nos apresenta o Caio Riter (2009) e demais autores da área.

Com efeito, chamamos a atenção para o papel da escuta dentro da proposta de uma roda de leitura, uma vez que esta intenciona, como já supracitado, possibilitar aos seus participantes um diálogo entre os aspectos da realidade em que estão inseridos e a mensagem que o autor da obra pretende trazer. Assim, abrir um espaço para que os sujeitos mediados possam expressar os sentimentos e as aprendizagens que “brotaram” da vivência propiciada pela leitura foi sem dúvida um rico momento de aprendizagem para todos que compõem a roda, especificamente, para nós, mediadoras, uma vez que isto nos possibilitou verificar, no decorrer do processo, quais os objetivos que estavam sendo alcançados, bem como o surgimento de novas e possíveis interpretações. Implicando, assim, na flexibilização do planejamento quanto a ordem ou retirada de algumas propostas.

Por fim, pode-se afirmar que mediar uma roda de leitura foi, sem dúvida, uma experiência rica em aprendizagens e em prazer, pois como leitoras ativas consideramos uma honra receber a difícil tarefa de sensibilizar crianças e jovens para práticas de leitura, assim, como também para a prática da escuta e da fala, pois reconheço nesses dois últimos aspectos importantes funções estimuladoras do processo de interação dos leitores com os livros e com seus pares.

REFERENCIAIS

BRASIL. *Manifesto por um Brasil literário*. Texto originalmente publicado em um folheto lançado na Festa Literária de Paraty (FLIP), em julho de 2009.

CAVALCANTI, J. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*, São Paulo: Paulus, 2002.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

HAETINGER, Max G. *Criatividade: criando arte e comportamento*. Rio Grande do Sul: Gráfica Odisseia LTDA, 1998.

FREIRE, Eleta C. Gênero no currículo de história: o que revelam as práticas pedagógicas? In FREIRE, Eleta C. MARTINS, Ivanda e PINA, Sylvania (Orgs.) *Educação: um mapa de múltiplas interpretações*. Recife: Liberdade, 2011.

GOHN, M. da G. *Educação não formal e Educador social*. SP: Cortez, 2010.

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. *A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação*. 3 ed. Curitiba, PR: Filosofart Editora, 2004.

LARROSA, J. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*, México: FCE, 2003.

RITER, C. *A formação do leitor literário em casa e na escola*. São Paulo: Biruta, 2009.

SOUZA, João Francisco. *Prática pedagógica e formação de professores*. (Org.) Inês Maria Fornari de Souza, 2. ed. Recife: Universitária/UFPE, 2012.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor*. Tradução Ingrid Dormien Koudela. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.